

Privilegiou-se, na elaboração deste trabalho, a perspectiva construtivista. Concebendo que nenhuma produção humana é imparcial, ressalta-se aqui, novamente, que este trabalho resultou da interpretação da autora, tanto da obra dos autores citados como dos dados recolhidos no estudo de campo. Neste sentido, o presente trabalho, sendo influenciado pelas crenças pessoais e ideológicas da autora, não teve a pretensão de afirmar verdades, apenas de pontuar os dados observados e problematizá-los.

A perspectiva construtivista vem dominando o campo de estudos de gênero. Os construtivistas, concebendo gênero como uma construção cultural e simbólica, compreendem a masculinidade e a feminilidade como representações sociais múltiplas, que se co-significam a todo instante, reagindo uma às transformações da outra. Neste sentido, o que é masculino e o que é feminino se estabelece na interação.

Considerando a pouca bibliografia psicológica nacional sobre gênero e sobre masculinidade, as recentes transformações nas relações de gênero e o discurso de estudiosos sobre uma possível crise masculina, buscou-se investigar como estas situações aparecem na clínica psicológica.

Para tanto, realizou-se inicialmente uma revisão da literatura sobre gênero, psicologia de gênero e masculinidade. Neste momento, emergiu uma das principais dificuldades na elaboração deste trabalho: a restrita bibliografia nacional sobre os temas abordados. Diante desta limitação, empregou-se considerável bibliografia estrangeira, principalmente de autores americanos e ingleses, o que, de certo modo, restringiu a discussão dos dados, por descrever um contexto diferente do contexto brasileiro.

Faz-se importante salientar que como os estudos de gênero emergiram dos movimentos feministas, a maior parte da bibliografia deste campo traz este viés político. Devido a este fato e à identificação da autora com esse movimento, tornou-se muito difícil isentar-se deste olhar ideológico. Neste sentido, embora o presente trabalho não tenha surgido de uma manifestação feminista, a identificação da autora com as questões apresentadas nos estudos de gênero

propiciaram a perspectiva feminista na discussão dos dados.

O estudo de campo, por sua vez, foi muito rico, permitindo uma discussão produtiva. Dois temas que se fizeram mais presentes na análise pautaram a discussão: a presença de *gênero na clínica* e as mudanças nas *relações de gênero*.

Conforme salientado na discussão, gênero emerge na clínica psicológica no discurso dos psicólogos e no de seus clientes. Contudo, gênero surge através de crenças pessoais e representações culturais sobre o que é ser homem e o que é ser mulher e não como uma reflexão crítica sobre estas.

O emprego do termo gênero pelos entrevistados como sinônimo de sexo, a referência direta a comportamentos apropriados a cada sexo e a observação de que nenhum dos entrevistados atenta para gênero em sua prática clínica, fizeram supor que os psicólogos se mostram indiferentes ou desconhecem os estudos de gênero. Diante desta suposição e da observação da presença de gênero na clínica, uma questão permaneceu latente: como gênero é elaborado na clínica psicológica?

Atentando para as representações de gênero apresentadas pelos entrevistados, constatou-se que eles baseiam-se numa concepção essencialista de gênero, como um sistema binário e heterossexual. Embora a concepção de gênero empregue por eles seja a mais reconhecida no senso comum e ainda muito empregue nos estudos psicológicos de gênero, estudiosos de gênero adeptos do construtivismo vêm questionando tal concepção de gênero e assinalando as implicações sociopolíticas desta.

Como salientado na discussão, a perspectiva essencialista, binária e heterossexual de gênero tem caráter homogeneizador, regulamentar e coercitivo. Ao dividir as pessoas entre o grupo dos homens e das mulheres, ignorando-se as idiosincrasias de cada sujeito e ao estabelecer o que é próprio de cada grupo, limita-se a liberdade de ação das pessoas devido a uma constituição fisiológica. Os que fogem a essas regras e agem de forma diferente, sofrem sanções sociais, são problematizados ou transformados em patologias.

Neste sentido, ao se empregar na clínica a perspectiva essencialista, binária e heterossexual de gênero, psicoterapeutas correm o risco de: ignorar as particularidades de seus clientes; limitar a liberdade de ação deles; favorecer os mecanismos coercitivos, propiciando culpa e sofrimento nos clientes que não conseguem se adaptar a tal perspectiva de gênero; ignorar o contexto sociohistórico e político no qual ele e seu cliente estão inseridos. Salienta-se que

ao empregar esta perspectiva na clínica com seus clientes, os entrevistados favorecem a propagação e sustentação desta concepção e de suas conseqüências.

Destaca-se ainda o caráter político por trás da concepção de gênero empregue pelos entrevistados. Como assinalado na discussão, ao estabelecer gênero como algo inerente ao indivíduo, ao pontuar homens e mulheres como diferentes ou complementares, atribui-se naturalidade à atual organização sociopolítica dos sexos, que é desigual e injusta. Ou seja, nega-se que tal organização seja resultante de um contexto sociohistórico e político e o afirma como imutável, ajudando, assim, a sustentar a hegemonia do grupo dominante; no caso, dos homens.

Neste sentido, os entrevistados, ao afirmarem diferenças essenciais entre homens e mulheres ajudam a marginalizar e obscurecer a inter-relação entre os sexos, limitam a forma de ser das pessoas, escondem o sexísmo e a extensão da autoridade masculina, e, conseqüentemente, reforçam a representação essencialista, binária e heterossexual de gênero.

Ao empregar o termo gênero como sinônimo de sexo, os entrevistados também ajudariam a destituir o termo de seu real significado, dificultando o reconhecimento social das questões de gênero e prejudicando o movimento das minorias que se utilizam deste termo e que podem promover, de forma mais ampla, igualdade e justiça nas relações de gênero. Contudo, uma observação deve ser feita neste ponto. Devido ao emprego indiscriminado, na literatura em geral, dos termos masculino, feminino e gênero, torna-se muito difícil não utilizá-los de formas inadequadas. Isto foi observado na redação desta obra, que teve que ser exaustivamente revisada a fim de preservar os significados adequados aos termos mencionados. Neste sentido, os termos masculino, feminino e gênero foram empregues neste trabalho quando se referindo a construções culturais.

Como defendem os construtivistas, nenhuma conduta é imparcial. E como observado na discussão, mesmo as condutas de quem ignora o contexto político, por indiferença ou desconhecimento, têm conseqüências como ajudar a sustentar o *status quo*.

Considerando a restrita bibliografia psicológica nacional de gênero, especialmente no que se refere às implicações de gênero na clínica, supõe-se que a indiferença ou o desconhecimento sobre os estudos de gênero possam ser estendidos à classe dos psicólogos em geral. Por isso, salienta-se a importância

dos psicólogos pensarem nas implicações políticas de sua prática. É necessário reconhecer, refletir e elaborar sobre as próprias crenças de gênero e sobre a presença de gênero na formação, teorias e práticas, atentando para as conseqüências micro e macrosociais destas. Ressalta-se, ainda, a importância dos psicólogos atentarem para o trabalho de outras disciplinas sobre gênero a fim de evitar perspectivas unidimensionais de um constructo tão múltiplo como gênero.

Como observado na discussão sobre o cliente homem, o modelo tradicional de masculinidade restringe e limita a experiência dos homens, produzindo muitas conseqüências, como a dificuldade de comunicação verbal ou a restrição emocional dos homens. Ter conhecimento sobre as limitações impostas pelo gênero aos homens e às mulheres, permite ao psicoterapeuta compreender melhor o que se passa com eles e quais são as suas possibilidades de mudança.

Como salientado na discussão, a clínica é um local singular na construção de gênero. Trabalhando com a produção de significados, o psicoterapeuta pode privilegiar os significados dominantes ou favorecer outras possibilidades de compreensão. Como observado anteriormente, privilegiar os significados dominantes nem sempre é sinal de igualdade, justiça e saúde.

Neste sentido, os psicoterapeutas, atentos às implicações do sistema dominante de gênero, podem ajudar seus clientes a se libertarem deste mostrando-lhes as ideologias e a hierarquia de poder por trás dele. Assim, os psicólogos clínicos podem garantir a seus clientes maior liberdade de ação e escolha, reduzir as injustiças e desigualdades de gênero nas relações destes, favorecendo a saúde individual e coletiva.

Como se observa, a atenção a gênero pelos psicólogos clínicos não se deve somente à necessidade de um posicionamento político, mas também ao cuidado com o bem estar físico e emocional dos clientes. Enquanto os psicólogos clínicos mantiverem-se à parte dos estudos de gênero continuarão favorecendo e produzindo injustiças e desigualdades entre homens e mulheres.

Quanto às relações de gênero, como observado na discussão, elas estão mudando junto com os recentes movimentos sociopolíticos. Ao mesmo tempo em que se alcançou, hoje, maior igualdade de direitos entre homens e mulheres, a situação entre eles parece estar mais conflitante e competitiva.

Observou-se que, segundo os entrevistados, homens e mulheres estão compartilhando cada vez mais funções, o que os obriga a um diálogo maior e que,

conseqüentemente, gera mais conflitos. Rompendo cada vez mais com a tradição, homens e mulheres se vêem obrigados a negociar suas funções, dando a identidade de gênero um caráter mais fluido, dinâmico e particular a cada indivíduo.

No entanto, a adesão às tarefas do sexo oposto não tem sido por igual. Enquanto as mulheres assumem as funções masculinas tradicionais, os homens mostram-se resistentes em aderir a muitas tarefas femininas. Esta observação, junto com a adesão das mulheres aos valores masculinos, faz com que homens e mulheres tenham os mesmo objetivos, aumentando assim a competitividade entre todos eles, nos âmbitos público e privado.

O atual cenário das relações de gênero, como se observou, não tem sido muito agradável para homens e mulheres. Ambos sofrem com as limitações, exigências e desigualdades presentes nas relações. Contudo, pelo que se observou no discurso dos entrevistados, homens e mulheres mostram-se resistentes a uma total revolução de gênero. Ao que parece, ambos estão apegados ainda ao modelo tradicional de gênero de alguma forma. Como sugerido na discussão, homens e mulheres não desejariam perder os seus antigos privilégios, estariam muito vinculados a referenciais identitários tradicionais ou não saberiam como viver numa sociedade onde os referenciais identitários tornam-se internos e dinâmicos.

Embora os homens, como se constatou na discussão, sejam os mais resistentes às transformações nas relações de gênero, observaram-se fatores sociais que favorecem essa postura. Como mencionado anteriormente, a masculinidade e a feminilidade ajudam a definir uma a outra; neste sentido, a resistência das mulheres em realizarem algumas mudanças nas relações de gênero propicia nos homens a mesma resposta. A adesão das mulheres aos valores masculinos também dificulta que os homens venham a aderir aos valores femininos. O fato da sociedade brasileira ainda ser patriarcal, ou seja, dominada pelos homens, por sua vez, não torna o cenário tão desagradável para eles realizarem mudanças mais extensas em sua masculinidade.

Um fator importante e impeditivo de transformações mais amplas nas relações de gênero, como sugerido na discussão, pode ser a restrição emocional dos homens. Devido às exigências da masculinidade tradicional, os homens evitariam entrar em contato com as emoções e neste processo desprivilegiariam a elaboração destas e as atividades reflexivas que podem propiciá-las. Em

consequência disto, eles teriam dificuldade em expressar o que pensam e sentem, e apresentariam um limitado contato com seu mundo interno. Diante deste quadro, supõe-se que seria muito difícil para um homem viver numa sociedade de constante negociação, onde os referenciais identitários deixam de ser externos para serem internos, reflexivos e dinâmicos. Como resposta, eles se apegariam ainda mais aos referenciais tradicionais que conhecem.

Mudanças nas relações de gênero podem ser favoráveis a homens e a mulheres, mas, para isso, ambos terão que se transformar. Salienta-se que mudanças nas relações de gênero não dependem somente da transformação individual, mas também de mudanças no sistema sociopolítico que regula as relações de gênero.

Destaca-se que os psicólogos clínicos podem favorecer ambas as transformações nas relações de gênero. Trabalhando as identidades de gênero e as crenças pessoais de seus clientes, o psicoterapeuta pode ajudá-los a romper com as imposições do sistema de gênero dominante, aumentando sua liberdade de ação e os tornando mais flexíveis e reflexivos em relação à própria identidade de gênero. Esclarecendo as ideologias e hierarquias de poder por trás do sistema dominante de gênero o psicoterapeuta pode promover transformações nas relações de gênero de seus clientes, propiciando maior igualdade e justiça nestas.

Essas foram as questões que se destacaram no desenvolvimento do trabalho. Contudo, muitas outras surgiram e permanecem latentes. A seguir, apontam-se algumas delas.

A restrita bibliografia psicológica nacional de gênero exprime a distância dos psicólogos deste campo de conhecimento. Como se pode mudar este quadro? Qual pode ser a contribuição dos estudos de gênero para a prática psicológica? E qual pode ser a participação da Psicologia para os estudos de gênero?

Como observado no presente trabalho, gênero perpassa a clínica de diversas formas, estando presente no discurso dos psicoterapeutas e de seus clientes, mas qual é a extensão de sua influência? O que ele afeta no processo terapêutico?

As limitações impostas pelas ideologias de gênero podem ser muito prejudiciais a homens e a mulheres. Porém, sendo a clínica um espaço de significação, um espaço construtor de gênero, como o psicólogo pode favorecer a saúde individual e coletiva? Como o psicólogo pode, por exemplo, ajudar os clientes homens a superarem a restrição emocional masculina?

Atentando para a reação dos homens e das mulheres às mudanças nas relações de gênero, observou-se que ambos mostram-se apegados a valores tradicionais. A conduta dos homens tem sido discutida por alguns estudiosos, mas e a conduta das mulheres? Como tem sido ou pode ser interpretada? No que implica para a família e para as relações conjugais as mulheres estarem assumindo os valores masculinos?

Breves observações sobre a homossexualidade foram realizadas por pouquíssimos entrevistados. A ausência de comentários sobre a homossexualidade levantou a questão sobre como os psicólogos clínicos têm lidado com ela em seus consultórios. Especialmente quando eles apresentam uma perspectiva essencialista, binária e heterossexual de gênero. Como eles compreendem a homossexualidade? Como trabalham com esta categoria?

A maior liberdade sexual acarretada pelos movimentos homossexuais e as recentes transformações nas relações de gênero têm tornado as identidades de gênero mais flexíveis. Não sendo as identidades de gênero mais tão estereotipadas, torna-se difícil reconhecer a opção sexual das pessoas. Neste sentido, quais os efeitos da maior liberdade sexual nas relações interpessoais?

Como se observa, o presente trabalho trouxe muitas questões que exprimem a necessidade de reflexões psicológicas sobre a categoria gênero, tanto na clínica como nas relações interpessoais. Espera-se que a presente obra tenha fomentado a problematização de gênero na prática psicológica, contribuindo com algumas reflexões.